

Íntegra do discurso do Secretário da Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico, Emerson Kapaz

Eu vou iniciar no fim do discurso do Dr. José Ripper Filho, quando ele fala do exemplo do Estado de São Paulo. De fato, um Estado como o nosso tem a responsabilidade de dar o exemplo. A nossa Secretaria, imbuída disso desde o primeiro dia da nossa gestão, tinha claramente noção – até por uma facilidade estrutural e institucional da Secretaria, que tinha não só a área de desenvolvimento econômico, com a indústria, o comércio, a atração de investimentos, mas também a área de Ciência e Tecnologia – de fazer uma aliança es-



tratégica entre o desenvolvimento científico e tecnológico e o desenvolvimento econômico.

Nós sabíamos que não era um caminho fácil. Sabíamos, inclusive, que até pelo fato de um empresário assumir a Secretaria, esse caminho pudesse ser mais difícil, pelo eventual preconceito que existe, do ponto de vista de a empresa não poder interferir na área de pesquisa tecnológica, ou pelo eventual preconceito que existe, do lado dos empresários, de que a área de Ciência e Tecnologia está muito sonhadora e precisa entender o pragmatismo da empresa.

Nós resolvemos assumir esse desafio. Ele se constituía de várias partes e de várias fases. A primeira delas é que São Paulo não tinha uma política científica e tecnológica que pudesse nortear o médio e o longo prazo, e não só o curto prazo. Foi restabelecido o Concite - Conselho Estadual de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico, que não tinha nunca sido reunido, com a inclusão de quatro empresários, por determinação do Governador.

Depois de dois anos de trabalho extenso, o Concite terminou a sua política tecnológica e está em fase final de elaboração da política científica. É a primeira versão, que a cada seis meses passará por uma renovação, em função da introdução e discussão dos vários setores das duas políticas, da política tecnológica e da política científica.

Ao mesmo tempo há nossa percepção, também dito aqui pelo Sr. José Ripper, que nós não podíamos atrair investimentos no Estado de São Paulo, que, para virem pra cá, precisassem de re-

messas fiscais. Foi duro no começo fazer o necessário entendimento, a compreensão de que o Estado de São Paulo tinha condições de atrair o investimento sem remessas. Tinha condições de viabilizar empresas que aqui produzissem, sem precisar entrar na chamada “guerra fiscal”. E de novo, ao longo desses anos, São Paulo deu mais uma vez o exemplo. Os outros Estados tiveram que abrir mão dos impostos e estão, inclusive, em situações muito complicadas. Trouxeram grandes empresas para seus

Estados e não vão arrecadar por um período longo de tempo e São Paulo conseguiu atingir já a cifra de US\$ 26 bilhões de investimentos em pequenas, médias e grandes empresas.

Muita gente acha que esses investimentos são só de grandes empresas. Acabamos de anunciar, há meia hora, um investimento de quinze milhões de dólares da Printt & Whitney e da TAM, na linha de montagem de uma empresa de

serviço de manutenção para turbinas de aviões no Estado de São Paulo, no município de Sorocaba. Investimentos menores, de US\$ 800 mil, US\$ 1 milhão, US\$ 1,5 milhão, estão vindo para o Estado de São Paulo sem a necessidade de entrarmos na guerra fiscal.

Não é um caminho fácil, digo aos srs., porque não foi uma questão de dizer “venham pra cá por causa dos nossos bonitos olhos”. Foi a necessidade de reestruturação, feita pela liderança do Governador Mario Covas, de cada uma das áreas de governo desse Estado. A necessidade de botar seriedade na administração pública e mostrar que São Paulo voltou a ter rumo e não só na linha de recuperação das empresas. Voltou a ter rumo numa política de desenvolvimento, que alia, estrategicamente, o que nós temos de “know-how” de Ciência e Tecnologia com o que nós temos de desenvolvimento econômico.

Mais uma coroação deste trabalho foi a possibilidade de assinarmos, como aconteceu no mês passado, um convênio de cooperação com o MIT. Eu não preciso explicar aos senhores a importância do MIT no cenário internacional, que vai trazer o seu “know-how” às universidades e institutos de pesquisa do Estado de São Paulo, para desenvolver projetos de coopera-

ção com a universidade e a empresa, nas várias áreas que julgarmos necessárias.

Além disso, eu queria comentar mais uma mudança que está acontecendo e que é muito saudável para todos nós, que é o instrumento de parceria que a FAPESP vem desenvolvendo nos setores de desenvolvimento econômico com as empresas, e que se consubstancia nesse projeto. As pequenas empresas, para competirem cada vez mais no mercado globalizado, vão ter necessidade de inovação tecnológica. Essa inovação não tem como ser financiada. É

“Os recursos aplicados nesse programa certamente terão um retorno muito maior. Isto sim é investimento produtivo”

EMERSON KAPAZ

como foi dito muito bem: isso não é a fundo perdido. Isso é investimento em inovação tecnológica, que certamente terá um retorno muito maior do que se fizéssemos um empréstimo pela instituição bancária para que eles pudessem ter acesso a esses recursos e a esses projetos que serão desenvolvidos. Isso, sim, é investimento produtivo.

Há poucos dias, o Governador Mario Covas dizia que São Paulo vai ter que aprender a andar com as suas próprias pernas e que São Paulo tem condições de andar com as suas próprias pernas. Mas nós vamos ter que aprender a andar de uma forma diferente, usando os braços, usando as pernas, usando tudo o que nós temos de melhor. E não tem, no nosso ponto de vista, na área científica e tecnológica, uma perna como a FAPESP. Essa é, de fato, uma perna que nós precisamos reusá-la adequadamente. Não é problema de recursos financeiros, é problema de mérito dos projetos. Os projetos aqui estão. Já tem cinqüenta, aguardando para uma nova avaliação, e oito milhões na segunda fase, que são os duzentos mil reais por empresa e que já estão praticamente comprometidos, após a primeira fase.

Portanto, eu quero aqui assinalar o nosso orgulho de poder ver um entrosamento cada vez maior das áreas do desenvolvimento econômico, das áreas científicas e tecnológicas. E como os srs. são formadores de opinião, principalmente nas áreas onde atuam, eu quero que entendam a importância dessa parceria. Parceria agora e no futuro, se nós pudermos, de fato, contar com a colaboração mais forte dos srs. em todas as áreas. Essa parceria que eu quero fazer no futuro com essa organização que nós temos aqui, com esse "know-how" que os srs. verdadeiramente dedicam ao Estado de São Paulo, vai fazer com que o exemplo que São Paulo dá, impregne todas as regiões do Brasil e transforme de fato a área científica e tecnológica numa parceira estratégica da área de desenvolvimento econômico.

Íntegra do discurso do Prof. Carlos Henrique de Brito Cruz, Presidente do Conselho Superior da FAPESP

Esse é um momento especial na história da FAPESP. Pela primeira vez é posto em marcha, pela Fundação, por aprovação de seu Conselho Superior, um programa voltado especificamente a projetos de pesquisa em empresas. Hoje assinaremos os primeiros trinta contratos de financiamento dentro desse programa, que já é um programa permanente da Fundação, no valor total de um milhão e trezentos mil reais.

Em primeiro lugar, esse programa, bem como vários outros que a FAPESP mantém, é possível porque a FAPESP tem sido criteriosa na gestão dos recursos públicos que administra. Mas especialmente porque o Estado de São Paulo, na figura do sr. Governador, tem apoiado a FAPESP sistematicamente, dentro do preceito constitucional.

Permita-me cumprimentá-lo, sr. Governador, citando um clássico que é de seu conhecimento. Há algumas semanas, na inauguração do Laboratório de Luz Síncrotron, em Campinas, o sr. Governador impressionou a todos os acadêmicos presentes citando Francis Bacon, para justificar a importância da busca do conhecimento. Pois o mesmo Francis Bacon foi quem afirmou que "nenhuma ação dignifica melhor o bom governo do que o apoio decidido à geração do conhecimento", que é exatamente o que o Governo do Estado de São Paulo tem feito, com especial atenção, mesmo nos mo-

mentos mais difíceis.

Em segundo lugar, sr. Governador, esse programa é necessário. Necessário para estimular a cultura de Pesquisa e Desenvolvimento na empresa, em São Paulo. Ao contrário do que muitos pensam, a inovação tecnológica nasce na empresa, não nasce na universidade. A universidade educa aqueles que fa-



rão a tecnologia nas empresas. Adam Smith já observava isso, em *A Riqueza das Nações*. E mais recentemente, estudos cuidadosos feitos pela National Science Foundation demonstram que nove entre dez inovações tecnológicas de produtos ou processos nascem na empresa. Por isso é essencial para a competitividade da empresa paulista e brasileira o uso de mais cientistas e engenheiros em suas atividades de Pesquisa e Desenvolvimento. Neste espírito, duas coisas esse programa da FAPESP exi-

"Este programa é necessário para estimular a cultura de P&D na empresa. A inovação tecnológica nasce na empresa, não na universidade"

BRITO CRUZ

giu das pequenas empresas candidatas: um bom projeto e um líder do projeto que fosse membro da empresa ou a ela dedicado em tempo integral.

São trinta projetos de excelente nível, analisados cuidadosamente e aprovados por uma comissão composta por: Roberto Waack, presidente da ANPEI; Jorge Fazenda, consultor, e pelo professor Alcir Monticelli, ex-membro do Conselho Superior da FAPESP, um dos idealizadores desse programa de apoio à pesquisa na pequena empresa.

Com esses trinta projetos, a